

DECLARAÇÃO POLÍTICA

7,7% é um triste record da taxa de desemprego, nos Açores.

10,6% é um novo record da taxa de desemprego a nível nacional e destes, 22,7% são jovens.

Estes números representam pessoas e significam que, em cada dia que passa, mais sofrimento se abate, em número crescente, nas casas de cada vez mais portugueses e portuguesas.

Das vítimas desta catástrofe social emergem, particularmente, as mulheres, as primeiras a perder o emprego, já de si precário e mal pago.

Na nossa Região, o desemprego, no feminino, atinge cerca de 60%.

Numa Região, onde a taxa de actividade profissional das mulheres é a mais baixa do País - a números distantes do todo nacional -, esta situação, para além dos problemas sociais que arrasta, penaliza duplamente a mulher.

Na nossa Região, onde a mulher tem menor escolaridade, é vítima de maior discriminação, sofre de falta de apoios sociais – como, por exemplo, creches - e é vítima do alheamento dos poderes públicos (que são inoperantes a flagelos, como o da gravidez na adolescência e/ou complacentes, com as exigências do patronato, como no caso da Cofaco), é a estas mulheres que o fardo das medidas anti-crise é imposto com maior violência.

São as mulheres a sofrer, em primeira mão, os efeitos do desemprego e da pobreza quando em casa o comer falta e são as mulheres as últimas a ter lugar na lista para o emprego. O trabalho, como meio de emancipação e realização social é às mulheres, em geral e na nossa Região, em particular, apresentado como alguma coisa de suplementar ou mesmo supérfluo.

Dizer a estas mulheres, como diz o governo bicéfalo PS/PSD, que não têm trabalho porque não querem trabalhar é uma afronta, é uma infâmia.

Dizer a estas mulheres que os apoios sociais, já de si parcos, têm de ser diminuídos, por via das medidas de austeridade, é uma violência sem limites.

Mas o governo bicéfalo, PS/PSD, a tudo isto só responde de uma maneira:
- são os pobres e os que trabalham que têm de fazer sacrifícios, os tais para salvar o País.

É o único caminho (dizem-nos) e, a prová-lo, está o facto do PSD se ter juntado ao PS, para o impor e convencer as trabalhadoras e trabalhadores portugueses, através de uma gigantesca campanha de propaganda, jamais vista neste País.

O Bloco de Esquerda não se verga perante tão poderosa aliança.

Não negamos as dificuldades de financiamento, não negamos o ataque especulativo ao Euro, não negamos os problemas que nos assolam.

Mas apresentamos, claramente, outro caminho.

E denunciámos o caminho do PS/PSD como um logro.

Senão vejamos:

Taxar a Banca, por exemplo, com um novo imposto de 2,5%, em sede de IRC, medida contra os poderosos e de repartição e equidade de esforço, diz a aliança PS/PSD.

Nada mais falso. A Banca tem pago, nos últimos anos, 13 a 15% dos seus lucros; na melhor das hipóteses, passará a pagar 17,5%. Tão longe dos 25% que as pequenas e médias empresas são obrigadas a pagar.

Não seria mais simples e de maior rendimento impor uma taxa efectiva de 25%, cortando nos benefícios fiscais?

Penalizar o IRS de quem trabalha é outra solução da aliança.

Não seria mais justo taxar as transferências de capitais para off-shores, a 20%, tal como em muitos países da Europa pois, segundo as contas do Banco de Portugal, saíram do país mais de 9 mil milhões de euros, só no ano de 2009, sem nenhum tipo de imposto?

As contas são fáceis de fazer e, certamente, todos concluiríamos que dariam mais rendimento.

O verdadeiro problema é que o PS e o PSD defendem, objectivamente, os interesses do capital e, perante as dificuldades, atacam os mais fracos, pois não querem nem podem atacar os grandes.

É por isso que o Partido Socialista, nos Açores, faz eco do Partido Socialista nacional e invade, agora com os seus aliados, a casa das desempregadas e dos desempregados e a casa dos que ainda têm emprego, por um lado,

penalizando-os, por outro, tentando paralisar a sua revolta, através do medo.

O medo do inimigo poderoso chamado 'capital financeiro internacional', inimigo que, para ser combatido, exige que Portugal condene a sacrifícios mil quem trabalha.

Só que o PS é cúmplice deste monstro quando, nos idos anos 90, aderiu sem qualquer reboço às teses neo-liberais, matizadas na Europa com nomes como a 'Terceira Via' e outros sucedâneos.

Com um discurso social-liberal, em Portugal, o PS juntou-se ao pensamento único de então, para o qual o mercado é tudo e a livre concorrência no mercado é, por si própria, autoreguladora.

É esta a matriz ideológica que tem governado o mundo e que tem, infelizmente, sido a alma da construção da Europa.

Os resultados desta política, à qual o PS sempre se tem associado e, em Portugal, protagonizado, estão hoje à vista.

Nós, Bloco de Esquerda, não sucumbimos ao pensamento único. Apresentamos outro caminho para atacar os problemas.

O País são as pessoas e não as Bolsas.

O País são as mulheres que, por serem duplamente penalizadas, mais anseiam pelo trabalho que estas políticas lhes negam.